



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

DÉBORA RAQUEL OLIVEIRA RÉGIS

O CASO IRANIANO SOB A ÓTICA DO REALISMO ESTRUTURAL OFENSIVO

**JOÃO PESSOA
2023**

DÉBORA RAQUEL OLIVEIRA RÉGIS

O CASO IRANIANO SOB A ÓTICA DO REALISMO ESTRUTURAL OFENSIVO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Relações Internacionais.

Área de concentração: Teoria de Relações Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

JOÃO PESSOA
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R337c Régis, Débora Raquel Oliveira.
O caso iraniano sob a ótica do realismo estrutural ofensivo
[manuscrito] / Debora Raquel Oliveira Regis. - 2023.
32 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Neorealismo ofensivo. 2. Oriente médio. 3. Realismo estrutural ofensivo. 4. Irã. I. Título

21. ed. CDD 327.1

DÉBORA RAQUEL OLIVEIRA RÉGIS

O CASO IRANIANO SOB A ÓTICA DO REALISMO ESTRUTURAL OFENSIVO

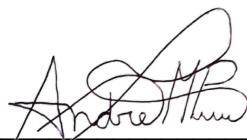
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 28/11/2023.

BANCA EXAMINADORA



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



André Mendes Pini
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente



CRISTINA CARVALHO PACHECO

Data: 05/12/2023 12:59:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Cristina Carvalho Pacheco
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu Senhor Jesus, meu Salvador e meu melhor Amigo, meu Bom Pai. O meu Deus esteve comigo em todos os momentos dessa trajetória, muitas vezes sem eu perceber o Seu cuidado e a Sua misericórdia, a Sua paciência e a Sua bondade. Mesmo diante de momentos tão dolorosos e tão difíceis, Ele nunca me desamparou. Obrigada, meu Senhor Jesus, por todas as vezes em que o Senhor me respondeu quando eu orei ajoelhada, chorando, pedindo desesperadamente para que o Senhor não me deixasse sair de casa, dar algum passo, tomar alguma decisão sem a Sua Presença. Esse sempre foi o meu maior pedido para o Senhor e o Senhor foi tão bom que sempre esteve comigo, mesmo sem eu merecer.

Para eu entrar em uma Universidade e concluir uma graduação não foi fácil, eu já comecei a minha trajetória em um momento muito difícil, o mais doloroso de toda a minha vida até aqui, e o Senhor me deu forças para não desistir. Guardei em meu coração as palavras do Senhor proferidas através do profeta Isaías que diziam: “Não temas, porque Eu sou contigo, não te assombres, porque eu sou o teu Deus, te fortaleço e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel”. Obrigada, Meu Deus, porque a Tua destra tem me sustentado, apesar de tantas dificuldades, de tantos medos e questionamentos, o Senhor não me desampara e não se esquece de mim.

Em segundo lugar, agradeço à minha mãe por ser, sem dúvidas, a minha maior inspiração para estar aqui hoje, pois nunca desistiu de mim e sempre acreditou no meu potencial, se orgulhou de minhas pequenas conquistas como se fossem também as suas, nos piores momentos que passamos, sempre lutou e orou por mim. Mãe, você é o meu maior exemplo de garra, coragem, resiliência, excelência, generosidade e empatia, amo você desde o dia em que nasci e olhei nos seus olhos, mesmo sem perceber. Obrigada por ter me apoiado desde o momento em que escolhi o curso de Relações Internacionais, ainda no Ensino Médio, até agora, o momento que concluo este ciclo.

Quero agradecer também ao meu pai (*in memoriam*), que pra sempre estará comigo nas minhas lembranças mais engraçadas e divertidas. A saudade é imensa e dói bastante, mas o legado que você deixou aqui foi o suficiente para eternizar em minha memória o que havia de mais especial em você, sua personalidade ímpar, sua coragem e sua grande força, que, hoje, vejo em mim também, amo-te pra sempre.

Quero agradecer à minha avó Elza por ter sempre me colocado em primeiro lugar, por ter cuidado de mim e não ter me deixado sozinha em vários momentos, me dar apoio nas minhas escolhas, abraçar as minhas ideias e sempre ter me dado amor.

Agradeço à minha avó Helcione por querer sempre o melhor pra mim e torcer tanto pelo meu sucesso em todas as áreas da minha vida, pelos seus ensinamentos e conselhos valiosos, guardarei comigo para sempre, mesmo que às vezes relute em concordar, te amo eternamente, vovó Helcione. Tenho impresso em minha memória o seu cuidado e zelo comigo, desde que nasci. Obrigada por ser o meu exemplo de honestidade, de força e de resiliência, sem dúvidas você está entre as mulheres que me inspiram, junto com a minha mãe. Agradeço também ao meu avô Agostinho, que, com sua mansidão, calma e nobreza sempre me amou, me aconselhou, me amparou e não mediu esforços para me ajudar.

Agradeço ao meu padrasto por todo o exemplo de fé e de perseverança, pelas suas orações por mim, que nunca cessaram. Agradeço ao meu pequeno irmão, Fla, com certeza me tornei uma pessoa muito mais grata e empática depois da sua chegada, sua risada e seu abraço são uma das coisas que me deixam mais felizes e me fazem sentir muito amada.

Meu muito obrigada ao pastor Romário e à dona Ana, que nunca desistiram de mim e nem pararam de orar por mim durante toda essa trajetória, nos momentos mais difíceis estiveram ao meu lado, aprendi com eles, muitas vezes, apenas com o exemplo, apesar de nunca terem deixado de me ouvir falar bastante, e, com todo amor e com toda paciência, me orientar ao final. Serão para sempre os meus pais na fé.

O Meu Senhor foi tão bom comigo que colocou ao meu lado pessoas que me aproximam Dele, que oram por mim e pela minha vida, que tornaram essa caminhada bem mais “fácil” de ser enfrentada. Muito obrigada aos meus amigos Emilly Kesly; Rachel Soares; Josinadja Freitas; Luan Miranda.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Fábio Nobre, que, sempre esteve ao meu lado nos meus projetos acadêmicos, acreditando em mim e me ensinando com seu conhecimento, tendo também paciência para ouvir inúmeros áudios, mesmo detestando áudios. O professor Fábio se tornou um grande exemplo do tipo de profissional que almejo, um dia, me tornar. Agradeço à banca examinadora, professora Cristina Pacheco e ao professor André Pini, que me inspiram muito, por disponibilizarem o seu tempo para me ouvir e por realizarem os apontamentos necessários visando a melhoria do meu trabalho.

Muito obrigada às minhas irmãs, Esther Karla; Natália Nóbrega; Juliana Bezerra; Geysa Santos; Geysa Santos e Rayssa Silva por terem paciência pra lidar com meus surtos, pra me ouvir falar da minha trajetória acadêmica, das minhas inquietações e angústias, das minhas pequenas vitórias e por focar comigo também. Nossa amizade tem em comum a nossa fé, que sempre será a base de tudo.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
2 A TRADIÇÃO REALISTA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	9
2.1 Realismo Estrutural.....	11
3 NEORREALISMO OFENSIVO.....	14
3.1 Hegemonia e maximização de poder relativo.....	14
3.2 A dimensão regional e geográfica no pensamento de Mearsheimer.....	17
3.3 Mensuração de poder.....	18
4 QUADRO COMPARATIVO ENTRE WALTZ E MEARSHEIMER.....	19
5 O IRÃ SOB A ÓTICA DO NEORREALISMO OFENSIVO.....	20
5.1 Distribuição de poder regional.....	21
5.2 A geopolítica do Irã para Mearsheimer.....	27
5.3 O comportamento do Irã sob a ótica do Neorrealismo Ofensivo.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

O CASO IRANIANO SOB A ÓTICA DO REALISMO ESTRUTURAL OFENSIVO

Débora Raquel Oliveira Regis¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo de caso sobre o Irã, aplicando a teoria do Realismo Estrutural Ofensivo ao seu comportamento para o Oriente Médio. O artigo busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: Qual é a eficácia do Neorrealismo Ofensivo de Mearsheimer para explicar o comportamento do Irã para o Oriente Médio? Assume-se a hipótese de que a teoria do Neorrealismo Ofensivo de John Mearsheimer (2001) explica o comportamento iraniano para a região do Oriente Médio, uma vez que o Irã busca maximizar poder relativo para tornar-se um hegemom regional e dominar seus rivais. Para validar a hipótese, utilizou-se dados econômicos e militares que demonstram as capacidades materiais ofensivas do Irã e dos países que representam uma ameaça à sobrevivência do Estado iraniano, uma vez que estes são os elementos de análise priorizados pelo aporte teórico selecionado para o presente trabalho. Entretanto, ao final da pesquisa, esclareceu-se que o Irã não está buscando maximizar poder relativo sobre seus rivais e nem há a possibilidade de alcance de hegemonia regional por parte do Estado iraniano, de modo que a hipótese inicial do presente artigo foi negada.

Palavras-chave: Irã. Neorrealismo Ofensivo. Oriente Médio.

ABSTRACT

This paper aims to carry out a case study on Iran, applying the theory of Offensive Structural Realism to its behavior towards the Middle East. The article seeks to answer the following research question: How effective is Mearsheimer's Offensive Neorealism in explaining Iran's behavior towards the Middle East? The hypothesis is that John Mearsheimer's theory of Offensive Neorealism (2001) explains Iranian behavior towards the Middle East region, since Iran seeks to maximize relative power in order to become a regional hegemon and dominate its rivals. To validate the hypothesis, economic and military data was used to demonstrate Iran's offensive material capabilities and those of the countries that pose a threat to the survival of the Iranian state, since these are the elements of analysis prioritized by the theoretical framework selected for this work. However, at the end of the research, it was clarified that Iran is not seeking to maximize relative power over its rivals, nor is there any possibility of the Iranian state achieving regional hegemony, so that the initial hypothesis of this article was denied.

Keywords: Iran. Offensive Neorealism. Middle East.

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba, atualmente integra o Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião, o Grupo de Estudos Estratégicos e Segurança Internacional, pesquisa Grande Estratégia e Teoria de Relações Internacionais.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Irã é um país muçulmano xiita² de origem étnica persa que passou décadas sob o regime monárquico do Xá Reza Pahlavi, alinhado ao ocidente, e, devido a isso, promoveu reformas seculares na sociedade civil e serviu aos interesses econômicos britânicos, franceses e americanos. Em 1979, uma Revolução ocorreu devido a uma combinação de fatores, incluindo a insatisfação popular com a rápida modernização ocidental, a perda de privilégios dos clérigos devido às mudanças políticas e a percepção de que o Xá era subserviente aos Estados Unidos e não defendia os interesses nacionais do Irã (Lima, Rato, 2007).

A política de segurança nacional do Irã envolve estratégias não convencionais, como o uso de táticas terroristas e o desenvolvimento de um programa nuclear que aparenta ter fins ofensivos. Tal cenário pode ser visto como produto das experiências históricas do grupo xiita, que foi uma minoria política e religiosa perseguida e economicamente desfavorecida em muitos países do Oriente Médio, contribuindo para a percepção de ameaças externas existenciais ao regime islâmico revolucionário do Irã (Katzman, 2021; Farhi, 2007).

Somado a isso, o Ocidente vê frequentemente o Irã como uma ameaça à estabilidade e à paz regional, visto que suas políticas consideradas ofensivas são condenadas (Escudé, 2015) e representam uma incógnita, uma vez que não se sabe, com clareza, os objetivos iranianos e os reais riscos que o país representa para o Oriente Médio (Treviño, 2013).

Desse modo, são múltiplos os esforços para compreender e sistematizar o comportamento político-militar do Irã para o Oriente Médio, especialmente diante das dinâmicas do sistema internacional e do Oriente Médio. Nesse sentido, entende-se o Irã como ator não só relevante, mas de suma importância para a região.

Diante disto, o presente trabalho visa contribuir com as Relações Internacionais ao realizar um estudo de caso, apresentando o objeto de estudo da pesquisa, o Irã, sob a ótica do Realismo Estrutural Ofensivo. A teoria do Neorrealismo Ofensivo de Mearsheimer (2001) foi escolhida porque possui, no centro de sua análise, a preocupação com a maximização de poder relativo dos Estados para o alcance da hegemonia e da dominação de seus rivais, além de ser mais adequada metodologicamente, visto que, apesar do foco na estrutura do sistema internacional, enquadra o nível regional de análise no centro de sua teoria.

Devido ao foco da teoria adotada no nível sistêmico de análise, os elementos mencionados anteriormente, a Revolução Islâmica de 1979 e os grupos paramilitares

² Corrente do Islã que acredita que a comunidade muçulmana deve ser liderada por Ali, genro do profeta Muhammad, e seus sucessores.

terroristas que o Irã financia, como o Hezbollah e o Hamas³, não serão considerados na análise, uma vez que não são capazes de alterar a estrutura da região.

A pergunta de pesquisa que guia o presente artigo é: Qual é a eficácia do Neorealismo Ofensivo para explicar o comportamento do Irã para a região do Oriente Médio? Assim, busca-se entender qual é a eficácia explicativa do Neorealismo Ofensivo, e assume-se a hipótese de que a teoria explica o comportamento iraniano, visto que o Irã busca maximizar seu poder relativo para assim alcançar a hegemonia regional através da dominação de seus rivais.

A fim de testar a hipótese do presente trabalho, a pesquisa utilizou-se da metodologia de estudo de caso (Yin, 2001), através de um método qualitativo, valendo-se de fontes primárias, que são os teóricos realistas e os dados econômicos e militares, e de fontes secundárias, que são autores que versam sobre os realismos. O recorte temporal adotado para a pesquisa envolve o ano de 2021 e o ano de 2022, porque foi o período mais recente encontrado com a maior disponibilidade de dados para análise.

O artigo está dividido em 4 sessões, sendo a primeira uma explicação sobre o surgimento da tradição realista nas Relações Internacionais, desde o Realismo Clássico até o Realismo Estrutural, a segunda, uma exposição das premissas centrais do Neorealismo Ofensivo, a terceira, um quadro comparando o neorealismo defensivo e ofensivo, e a quarta, a análise empírica do Neorealismo Ofensivo aplicado ao caso do Irã.

2 A TRADIÇÃO REALISTA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Durante os anos sucessores da Primeira Guerra Mundial, houve uma preocupação entre os acadêmicos, especialmente na academia inglesa, em entender qual seria a causa da guerra no âmbito do sistema internacional, motivados pelo desejo de fazer com que os Estados não repetissem o mesmo erro catastrófico. Diante disso, houve a necessidade de se criar um campo de estudo na academia voltado especificamente para entender essa problemática. Nesse contexto, surge nesse ambiente acadêmico uma visão pessimista das

³ Neste artigo, utilizaremos como base as definições de terrorismo do cientista político David Rapoport. Rapoport categoriza o terrorismo e as ações de grupos rebeldes em “ondas”, de acordo com o contexto, os padrões de ação e as ideologias. Para o autor, o terrorismo pode ser definido, em especial na primeira onda, como uma estratégia utilizada por grupos rebeldes para alcançar objetivos políticos através da violência extra-normal - ou seja, ações além do previsto nas convenções de guerra - e táticas específicas do contexto para o abalo de estruturas públicas. Enquadramos o Hamas e o Hezbollah na terceira e na quarta onda do terror, a “Nova Onda de Esquerda” e a “Onda Religiosa”, que são caracterizadas, respectivamente, pela combinação do radicalismo com o nacionalismo e pelo uso da religião para justificar os princípios e as ações terroristas dos grupos rebeldes. Para mais informações, consultar: RAPOPORT, David. *Quatro ondas do terror e o 11 de setembro*. Antropoética, vol. 08, n.1, 2002.

relações internacionais, que tornou-se conhecida como a Teoria Realista (Stuch, Elias, 2007; Jackson, Sorensen, 2018).

Os teóricos realistas, fortemente embasados pelo pensamento filosófico de Hobbes e de Maquiavel, afirmavam que a causa da guerra no sistema internacional tinha suas origens na natureza humana, que seria egoísta, ambiciosa e racional. Nesse sentido, analisando o comportamento do homem, Hobbes e Maquiavel reconhecem que a natureza humana é sempre auto interessada e violenta, buscando a maximização de seus interesses pela sua sobrevivência. Thomas Hobbes, importante filósofo contratualista, afirma que o estado de natureza humana é, inerentemente, um estado de anarquia, que é apaziguado quando o homem transfere sua liberdade para o Estado (Weffort, 2011).

Assim sendo, os Estados, no sistema internacional anárquico, motivados pela natureza humana dos chefes de Governo, tendem a lutar para possuir mais poder que os outros Estados, sendo o poder o elemento central no sistema internacional. Portanto, um equilíbrio entre o poder dos Estados componentes do sistema internacional seria a única forma de evitar o conflito armado e de alcançar a paz (Stuch e Elias, 2007; Morgenthau, 2003).

Um dos principais autores realistas clássicos, Edward Carr (2001), afirma que a natureza das relações internacionais é conflituosa, defendendo que não há interesses comuns entre os países, uma vez que Estados mais poderosos lutam para manter sua posição e os mais fracos lutam para sobreviver no sistema internacional. Apesar de serem autores que partem de premissas semelhantes, Hans Morgenthau (2003) se enquadra como o principal autor realista clássico, uma vez que é o primeiro a formular uma teoria sobre política internacional com base em leis objetivas que teriam suas raízes na natureza humana.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, essa lógica da busca pela sobrevivência ganhou mais força entre os acadêmicos gerando, também, mais credibilidade ao pensamento realista (Jackson, Sorensen, 2018). Entretanto, com o fim da Segunda Guerra Mundial e o advento da Guerra Fria, que configurou uma nova ordem internacional bipolar, ou seja, com o poder distribuído principalmente em dois pólos, União Soviética e Estados Unidos, as teorias realistas clássicas passaram a ser consideradas pelos acadêmicos como ineficazes para explicar e prever o comportamento dos Estados diante da nova realidade, de maneira que surge então um novo realismo, inaugurado pela obra “Teoria da Política Internacional”, de Kenneth Waltz (1979).

Nesse contexto, há um processo de mudança nas Relações Internacionais, uma vez que o centro de sua produção acadêmica passa a ser os Estados Unidos, através da “Revolução Behaviorista”, iniciativa protagonizada pelo cientista político Morton Kaplan

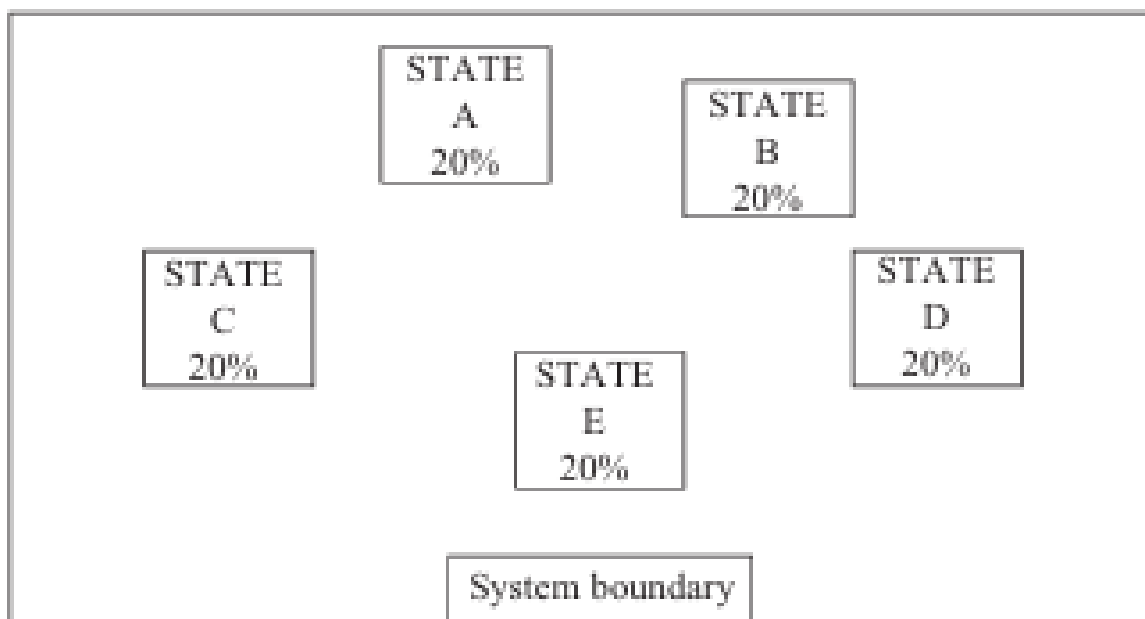
(1966), que defendia a adoção de métodos científicos mais rígidos e empíricos e menos subjetivos, em contraposição aos teóricos realistas que baseavam suas premissas na natureza humana. O Behaviorismo influenciou diretamente os métodos de análise utilizados pelos teóricos do novo realismo, que desconsidera elementos subjetivos como a natureza humana e prioriza elementos mais objetivos, como a estrutura do sistema internacional (Hafner Burton *et al.*, 2017).

2.1 Realismo Estrutural

O Realismo Estrutural, também denominado Neorealismo, surge ao fim da década de 1970, com a obra de Kenneth Waltz (1979), que propõe uma nova abordagem realista, também baseada no equilíbrio de poder, porém essencialmente diferente do Realismo Clássico. O Realismo Estrutural parte do nível de análise sistêmico, fortemente influenciado pelo contexto histórico da Guerra Fria, para explicar a política internacional e o comportamento do Estado, e não nível do indivíduo, como faziam os realistas clássicos que baseiam suas explicações na natureza humana (Feng, 2006).

Para Waltz (1979), o sistema internacional é composto pela estrutura e por unidades que interagem, e para definir a estrutura, é necessário abstrair as características das unidades, que seriam os Estados, tais como aspectos políticos e culturais e intencionais, e considerar apenas a disposição das unidades, ou seja, como as unidades estão dispostas dentro da estrutura do sistema internacional, tal como está ilustrado no quadro 1, e não como se relacionam entre si. Assim sendo, a aquisição de poder militar por parte de um país A que o faça ultrapassar o poder militar de um país B altera a estrutura do sistema internacional, ao passo que mudanças nas intenções dos Estados uns em relação aos outros não interferem no sistema internacional, por não representarem mudanças estruturais (Waltz, 1979).

Quadro 1: Distribuição de poder entre os Estados componentes da estrutura internacional em um sistema com cinco polos de poder.



Fonte: Little, 2007

Waltz (1979) parte da premissa de que a estrutura internacional é anárquica, e define a anarquia como “a ausência de uma autoridade central que detém o monopólio de força legítima” (Waltz 2014, p. 30), isto é, não conta com um governo mundial que centralize as decisões e que tenha legitimidade para reger o comportamento dos Estados, e de que é alterada somente com mudanças na distribuição das capacidades relativas das unidades que a compõe. O autor propõe mensurar as capacidades do Estado através de dados relacionados ao seu poder militar, econômico, seu tamanho territorial e estabilidade política. Diante disso, o autor afirma que quanto maior for a participação de um Estado na disponibilidade de poder no sistema internacional, quanto maiores forem as suas capacidades, menos provável é a chance de o Estado ser constrangido por outro e ter sua sobrevivência ameaçada em decorrência da estrutura anárquica.

Percebe-se então, que a diferença fundamental existente entre o Realismo Clássico e o Neorealismo consiste no nível de análise: ao passo que o Realismo Clássico considera que o pessimismo em relação ao sistema internacional está enraizado na natureza humana (Morgenthau, 2003; Carr, 2001) o Neorealismo considera que o cerne do pessimismo em relação ao sistema internacional concentra-se na estrutura anárquica, desprovida de autoridade centralizada, Waltz (1979) procura responder então, em sua obra, o questionamento de como o Estado se comporta diante dessa estrutura.

Waltz (1979) argumenta que os Estados, no sistema anárquico, estão preocupados com a sua sobrevivência, e por isso, visam impedir que ocorram perdas relativas nas suas

capacidades, afirmando que qualquer Estado que adote uma postura agressiva de maximização de poder relativo estará sujeito a retaliações, uma vez que outros Estados componentes da estrutura irão aliar-se para contrapor o Estado maximizador, equilibrando a balança de poder, ou seja, disposição de poder entre as unidades.

Entretanto, Waltz (1979) também afirma que há a possibilidade de haver a formação de alianças entre Estados menores com o Estado mais forte, caso este tenha atingido uma situação de hegemonia que não pode ser enfrentada ou revertida. Tal configuração também é explicada por Stephen Walt (1985), outro autor neorrealista, que disserta sobre a formação de alianças no sistema internacional anárquico.

Walt (1985) afirma que o que a literatura denominou como *bandwagoning*, ou seja, a união com o Estado mais forte, pode ser entendido como uma forma de apaziguamento, tendo em vista que ao aliar-se ao Estado mais poderoso o outro Estado pode evitar um ataque a si próprio, ou como uma forma de obter vantagens em uma situação de conflito, visto que ao aliar-se com o lado dominante em uma guerra também pode haver a partilha dos benefícios em caso de vitória. Walt argumenta que os dois comportamentos que o Estado pode ter, tanto a formação de aliança com o Estado mais poderoso quanto a coalizão entre Estados menores para fazer frente ao Estado mais poderoso, equilibrando a balança de poder, são, normalmente, definidos e enquadrados em termos de poder.

Walt (1985) afirma, no entanto, que definir dessa maneira consiste em um erro grave, uma vez que os Estados consideram também outros fatores no momento de elencar seus principais aliados e ameaças e escolher qual comportamento adotar. Walt defende que ao contrário de aliar-se sempre em resposta ao poder, seria mais correto dizer que os Estados se unirão com ou contra o poder ameaçador, argumentando que Estados fortes podem equilibrar o sistema internacional aliando-se se uns aos outros contra um outro Estado mais fraco em decorrência de outros fatores, utilizando como exemplo as coalizões que foram feitas durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial entre várias potências que eram superiores em capacidades em relação à Alemanha para derrotar esta.

Stephen Walt (1985) discute outros fatores que definiram o nível de ameaça que um Estado representa e que impactarão a formação de alianças, sendo estes o poder agregado; a proximidade; capacidade ofensiva e intenções ofensivas. O autor afirma que um sistema internacional em que a tendência predominante seja o comportamento do equilíbrio de poder, ou seja, do balanceamento contra o Estado mais forte, a agressão será desencorajada, ao passo que, caso a tendência seja o *bandwagoning*, as grandes potências se sentirão mais encorajadas para realizar demonstrações de força, porque irão presumir que será improvável que outros

Estados se equilibrem contra elas. Por fim, faz referências à história para afirmar que os Estados sempre tenderam a se equilibrar em vez de aderir à aliança com o Estado mais forte.

Diferentemente de Waltz e Walt, o neorrealista John Mearsheimer (2001) confere uma eficácia muito menor ao equilíbrio de poder e à formação de alianças. Apesar de reconhecer que o equilíbrio representa uma maneira de controlar a agressão, Mearsheimer entende que o Estado buscará a maximização de poder relativo em todas as oportunidades que tiver, visando a hegemonia como objetivo final, e que as alianças, mesmo sendo atraentes por proporcionarem o compartilhamento do ônus de lidar com um possível agressor, podem ser lentas e ineficientes, além de gerar a transferência de responsabilidade e do ônus de um Estado para outro, dificultando a ação coletiva.

A literatura denominou o Realismo Estrutural de Mearsheimer (2001) como Neorrealismo Ofensivo, por trazer uma visão mais pessimista ainda em relação ao comportamento do Estado diante da estrutura anárquica na qual está inserido, isto é, desprovida de uma autoridade centralizada que controle a ação dos Estados. Ao passo que o neorrealismo de Kenneth Waltz (1979), tornou-se conhecido como Neorrealismo Defensivo, por entender que o Estado se contenta com uma posição aquém da hegemonia defendida por Mearsheimer, e que a tendência ao equilíbrio de poder colide diretamente com a ideia de maximização de poder relativo de Mearsheimer (Toft, 2005).

3 NEORREALISMO OFENSIVO

O Neorrealismo Ofensivo surge através da obra de John Mearsheimer (2001) “A Tragédia das Grandes Potências”, elaborada pelo autor com o intuito de reformular e de se contrapor à obra “Teoria da Política Internacional” de Kenneth Waltz (1979). Apesar de partir de uma análise também estrutural e de algumas mesmas premissas básicas que considera existentes no sistema internacional, Mearsheimer defende que os Estados buscam maximizar o seu poder relativo e que podem adotar estratégias agressivas para isso, buscando a hegemonia como um fim, diferentemente de Waltz (1979), que defende que o Estado se satisfaz com uma posição na estrutura internacional aquém da hegemonia.

3.1 Hegemonia e maximização de poder relativo

Mearsheimer (2001) parte de premissas basilares que são fundamentais para entender os incentivos que os Estados possuem para agir de forma agressiva uns em relação aos outros. O primeiro pressuposto é de que o sistema internacional é anárquico, o que não significa que seja completamente desordenado, a noção de anarquia é um princípio ordenador, que

compreende que os Estados são unidades independentes que não tem autoridade central acima deles. O segundo pressuposto é de que grandes potências possuem, inerentemente, alguma capacidade militar ofensiva, que lhes fornece meios para atacar uns aos outros.

O terceiro pressuposto é de que os Estados nunca podem ter certeza sobre as intenções de outros Estados, e, portanto, não podem ter certeza de que as capacidades militares de um outro Estado não serão utilizadas contra si mesmos. A quarta suposição é de que a sobrevivência no sistema anárquico é o principal objetivo das grandes potências. Por fim, a quinta premissa é de que os Estados são atores racionais que pensam estrategicamente nas consequências imediatas e a longo prazo de suas ações.

Mearsheimer (2001) sustenta que tais pressupostos, quando combinados, causam fortes incentivos para que os Estados pensem e ajam de maneira ofensiva uns com os outros, resultando em três padrões gerais de comportamento: medo, autoajuda e maximização de poder. Qualquer Estado empenhado na sobrevivência deve suspeitar de outros Estados e temer ser vítima de agressão, o medo é então, uma força motivadora na política internacional. A ênfase na autoajuda, por sua vez, apesar de não impedir a formação de alianças, faz com que estas sejam apenas temporárias e formadas por conveniência.

Inseguros em relação às intenções dos Estados e cientes de que operam em um sistema de autoajuda, os Estados entendem que a melhor maneira de garantir sua sobrevivência em um ambiente anárquico é se tornando o Estado mais poderoso do sistema. Quanto mais poderoso for um Estado em relação aos seus rivais, menos provável será a realização de ameaças à sua sobrevivência. A situação ideal que deve ser atingida, portanto, é se tornar o hegemon no sistema internacional (Mearsheimer, 2001).

Os Estados se atentam em como o poder está distribuído entre eles, e se esforçam para maximizar sua participação no poder mundial. Assim, os Estados buscam alterar o equilíbrio de poder, adquirindo capacidades às custas de seus rivais, já que o ganho de poder por parte de um significa a perda de poder por parte de outro. A preocupação com o poder relativo, então, significa que o Estado poderá, inclusive, abrir mão de ganhos em seu próprio poder se tais ganhos gerarem nos Estados rivais um poder ainda maior (Mearsheimer, 2001).

Mearsheimer (2001) argumenta então que, mesmo quando uma grande potência atinge uma vantagem militar sobre os demais rivais, ela continua objetivando a maximização de seu poder, e que uma grande potência somente pode se sentir segura após dominar todo o sistema, adquirindo mais poder do que todos os outros estados. Uma grande potência não pode se sentir segura caso contrário, mesmo que tenha uma quantidade significativa de poder militar, primeiramente porque é difícil mensurar quanto poder relativo um Estado deve ter

sobre seus rivais para estar seguro, e secundamente porque as capacidades dos Estados variam ao longo do tempo, sendo difícil prever o escopo da mudança na balança de poder (Mearsheimer, 2001).

Diante da dificuldade de mensurar quanto poder é suficiente para estar seguro no presente momento e no futuro, as grandes potências reconhecem que a forma de garantir sua sobrevivência é alcançando a hegemonia agora. Mearsheimer (2001) define um hegemon como um Estado que tem condições, em termos de poder, para dominar todos os outros do sistema internacional, visto que é superior a todos militarmente. O autor também argumenta que o dilema de segurança, conceito que a literatura compreende como a situação de insegurança que o Estado causa e enfrenta ao tomar medidas para maximizar sua própria segurança, pois diminui a segurança de outros Estados, causando receio nestes, reflete a lógica do Realismo Ofensivo, pois uma vez que nenhum Estado pode se sentir totalmente seguro, a competição pelo poder prevalece.

Mearsheimer (2001) discorda de Waltz (1979) também ao conferir menos eficácia ao equilíbrio de poder, defendendo que a formação de alianças e as coalizões formadas como equilíbrio compensatório podem falhar, uma vez que os Estados tendem a passar a responsabilidade uns para os outros. Mearsheimer, entretanto, parte da mesma ideia de Waltz ao adotar a abordagem estrutural, compreendendo que a distribuição de poder entre as unidades, ou seja dados relacionados às capacidades ofensivas dos Estados, é o que define o nível de medo entre os Estados e a classificação de um Estado como potencial rival, e não as intenções dos Estados.

As grandes potências, entretanto, nem sempre podem agir de acordo com seus objetivos ofensivos, para Mearsheimer (2001). O autor defende que as medidas ofensivas das grandes potências são calculadas estrategicamente, de modo que pensam nos custos e riscos de adotar uma postura agressiva em um determinado contexto, visto que poderão sofrer retaliações e enfrentar oponentes que queiram defender o equilíbrio de poder. Assim, as grandes potências somente aderem a uma postura ofensiva se os ganhos advindos da ação superarem os custos (Mearsheimer 2001).

Mearsheimer (2001) reconhece que o Neorealismo Ofensivo tem muito pouco a dizer sobre questões que não se relacionam com os objetivos de segurança dos Estados, e que estes somente perseguem esses objetivos caso o comportamento necessário para atingi-los não interfira na lógica do equilíbrio de poder.

3.2 A dimensão regional e geográfica no pensamento de Mearsheimer

Mearsheimer (2001) assegura sobre a improbabilidade de uma grande potência atingir a hegemonia global, uma vez que nenhum Estado teria os meios militares suficientes para superar todos os outros Estados do sistema, a não ser que atinja uma superioridade nuclear decisiva. O autor aplica o conceito de sistema de forma mais restrita e o utiliza para analisar regiões particulares. Diante disso, Mearsheimer (2001) entende que o melhor resultado que uma grande potência pode esperar hoje é atingir a hegemonia regional e controlar outra região próxima e acessível por meio terrestre.

Os Estados que obtêm a hegemonia regional devem buscar evitar que outras grandes potências em outras regiões também alcancem essa condição, pois temem que um outro hegemom regional tornem-se potências rivais que possam vir a dominar a sua região. A situação ideal para uma grande potência, é, portanto, ser o único hegemom regional no mundo, buscando preservar a distribuição de poder que o favorece (Mearsheimer, 2001).

Para prever quais estratégias são mais prováveis de serem adotadas pelas grandes potências, Mearsheimer (2001) opera com dois elementos explicativos: a distribuição de poder relativo e a localização geográfica, outros elementos como a política doméstica e o equilíbrio entre ataque e defesa são secundários. Assim, para o autor, quando a distribuição regional de forças militares está desequilibrada, isto é, quando a balança de poder está muito inclinada em favor de uma grande potência, é provável que ela trave uma guerra hegemônica, porque a corrida pela obtenção da hegemonia teria mais chances de ser bem sucedida nessas condições, mesmo com os esforços de tentar equilibrar a balança de poder de outras potências. O autor denomina esse cenário como uma multipolaridade desequilibrada (Mearsheimer 2001, Taliaferro, 2001, Toft, 2005).

A localização geográfica também desempenha um papel importante para Mearsheimer (2001). O autor defende que em um mundo de Estados territoriais, o principal objetivo político de uma grande potência é conquistar e controlar territórios, e que, por isso, os exércitos exercem uma função central no poder militar. Assim, mesmo na era do poder nuclear, o poder terrestre continua sendo o componente central do poder militar. Nesse sentido, o autor defende que o principal empecilho para uma grande potência se tornar hegemom global consiste na dificuldade de concentrar exércitos atacantes por meio dos oceanos para atingir o território de uma potência rival, da mesma forma que um Estado cercado por grandes massas de água sofrem menos riscos de serem invadidos por outra grande potência (Mearsheimer 2001).

O que Mearsheimer (2001) denomina como “poder paralisante da água” constitui um aspecto central do poder terrestre porque também tem implicações no conceito de hegemonia, uma vez que a presença de oceanos em grande parte da superfície do globo torna impossível a qualquer Estado atingir a hegemonia global, visto que nenhum Estado seria capaz de conquistar regiões distantes que somente são alcançáveis por via marítima. Assim sendo, as grandes potências podem aspirar apenas a hegemonia regional, e a conquista de territórios na região em que se encontram que sejam acessíveis por vias terrestres.

3.3 Mensuração de poder

Mearsheimer (2001, p. 57) define o poder como “os ativos específicos ou recursos materiais que são disponíveis para um Estado”, e não como a capacidade de produzir resultados que sejam benéficos aos interesses de um Estado. O autor, apesar de reconhecer que componentes não materiais podem ser decisivos para alcançar a vitória em uma guerra, compreende que a definição de poder por meio das capacidades materiais deve ser privilegiada, pois afirma que não há dúvidas de que o equilíbrio entre os recursos materiais define substancialmente as chances de sucesso e que focar nos resultados dificulta a avaliação do equilíbrio de poder antes de um conflito.

Desse modo, Mearsheimer (2001) divide o poder do Estado em poder latente e poder militar, ou poder potencial e poder real. O poder latente ou poder potencial constitui os recursos socioeconômicos que o Estado tem disponível para gerar poderio militar, ou seja, o contingente populacional e a riqueza econômica, já que grandes potências necessitam de dinheiro para obter tecnologia para equipar e modernizar forças militares e travar guerras, e também de uma população numerosa para formar exércitos grandes. O poder real ou poder militar se refere ao tamanho e à força dos exércitos de um Estado e às suas forças aéreas e navais de apoio, já que Mearsheimer compreende que o poder terrestre é o principal componente do poder militar em um mundo no qual os Estados buscam conquistar territórios, mesmo em uma era nuclear.

Apesar da definição de poder latente envolver tamanho da população e riqueza, Mearsheimer (2001) utiliza apenas os indicadores que medem a riqueza de um Estado para avaliar o seu poder latente, porque entende que a riqueza já incorpora as dimensões demográficas do poder, uma vez que para um Estado ser rico, precisa necessariamente de uma grande população que produza essa riqueza. O autor também afirma que a riqueza mensurada deve ser aquela que o Estado tem à sua disposição para construir forças militares,

pois não importa a quantidade de riqueza que uma grande potência possua se aqueles recursos não estejam disponíveis para serem gastos em defesa.

Para analisar e comparar a quantidade de poder latente de um Estado, Mearsheimer (2001) utiliza indicadores econômicos como o Produto Interno Bruto e o Produto Nacional Bruto, apesar de reconhecer as limitações na utilização do PIB para avaliar a diferença de poder latente existente em casos nos quais os Estados envolvidos na análise estejam em níveis muito diferentes de desenvolvimento industrial e socioeconômico.

O autor reconhece também que o PNB é o responsável pela medição do crescimento de toda a riqueza de um Estado, não informando o quanto daquela riqueza está disponível para ser gasta em defesa. O poder militar das grandes potências, por sua vez, é mensurado através da comparação de dados quantitativos referentes às produções bélicas em relação aos exércitos, forças aéreas e navais (Mearsheimer, 2001). Apesar disso, o autor também afirma que forças aéreas estratégicas e forças navais não são apropriadas e eficazes na conquista territorial, principal objetivo político dos Estados, e argumenta que os exércitos são o principal elemento do poder militar.

4 QUADRO COMPARATIVO ENTRE WALTZ E MEARSHEIMER

A tabela abaixo contém os elementos utilizados pelos autores do Realismo Estrutural, na qual “+” indica a relevância da dimensão de cada elemento para o teórico.

Quadro 2: Relevância, para cada autor, dos elementos utilizados em suas análises.

	Sistema/divisão da sociedade	Polaridade	Dimensão geográfica
Waltz	+	+++	
Mearsheimer		+++	+++

Fonte: Elaborado pela autora com base em Little (2007).

5 O IRÃ SOB A ÓTICA DO NEORREALISMO OFENSIVO

Para analisar a eficácia do Neorrealismo Ofensivo de Mearsheimer em explicar o comportamento iraniano para o Oriente Médio, deve-se, primeiramente, analisar a estrutura, isto é, a distribuição de poder regional, visto que a distribuição de poder entre os Estados demonstra a possibilidade de os Estados que estão em posição vantajosa nessa estrutura cometerem agressões e de outros Estados serem capazes de enfrentar suas agressões (Mearsheimer, 2001). É necessário também examinar a resposta iraniana à essa estrutura, se o Irã busca maximizar poder relativo em relação às suas ameaças regionais para alcançar a hegemonia na região, e a localização geográfica do Irã, que também possui implicações centrais para a teoria do Neorrealismo Ofensivo, sendo um elemento trazido para o centro da análise de Mearsheimer.

Para avaliar esse comportamento, serão elencados os dados que se relacionam aos elementos que Mearsheimer utiliza para mensurar o poder de uma grande potência. Mearsheimer (2001) defende que o poder de um Estado é mensurado pelas suas capacidades econômicas, militares, e pela sua demografia, estando esta última já incorporada na primeira, uma vez que para produzir riqueza econômica o país precisa de um grande contingente populacional.

Mearsheimer também argumenta sobre a supremacia do poder terrestre sobre outros domínios, como o aéreo, o naval e o poder nuclear, já que forças aéreas independentes e forças navais independentes não são estratégicas para o controle e conquista territorial, principal objetivo político dos Estados. O autor afirma que o poder terrestre é a forma dominante de poder militar no mundo moderno, mesmo em uma era nuclear, e que medir o equilíbrio de poder terrestre por si só já forneceria um bom indicador aproximado do poder relativo das grandes potências rivais (Mearsheimer 2001).

O Neorrealismo Ofensivo defende que a capacidade de destruição mútua gerada pelo poderio nuclear de grandes potências traz estabilidade para a política internacional-definida em termos de poder militar-, e que, apesar de a guerra entre potências ser menos provável em cenário nuclear, as grandes potências ainda competem pela segurança, sendo a guerra uma possibilidade real. Além disso, exceto pela situação improvável de uma grande potência alcançar a superioridade nuclear decisiva, o equilíbrio de poder nuclear importa pouco para determinar o poder relativo (Mearsheimer, 2001).

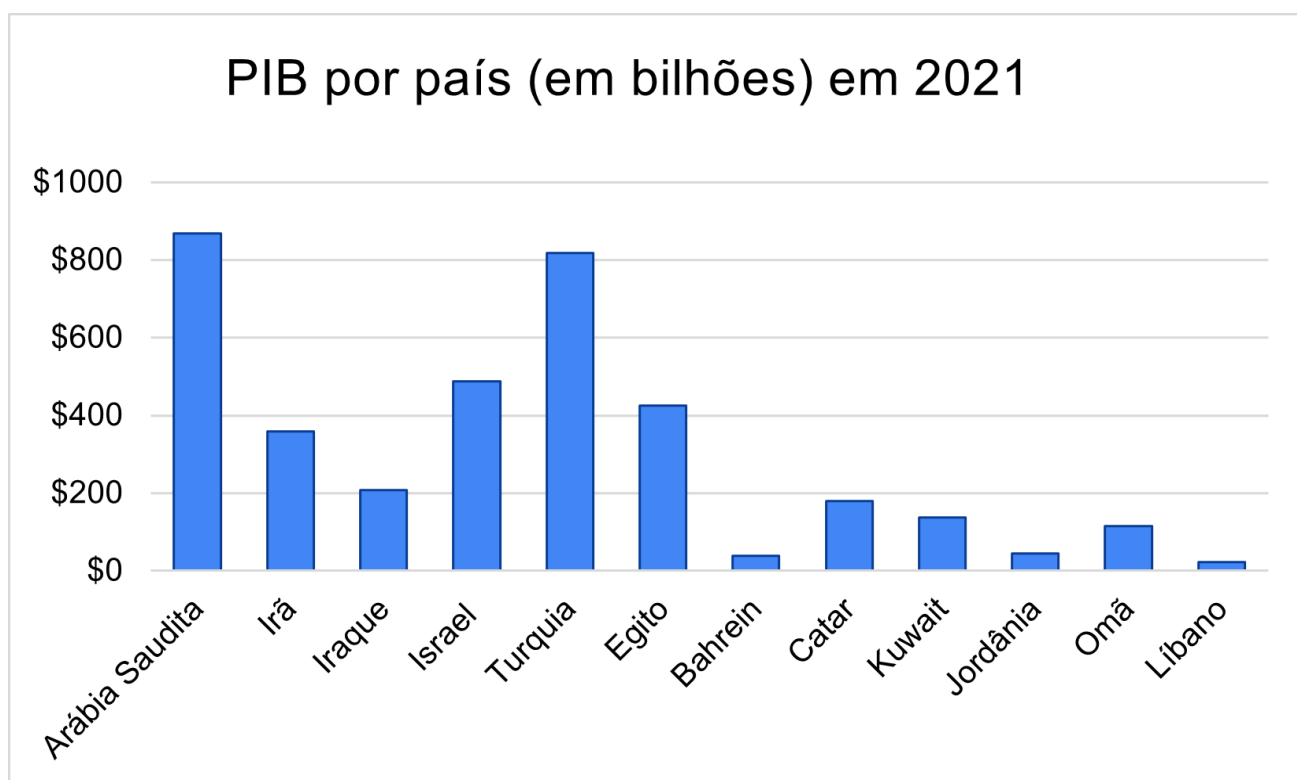
Diante disso, justifica-se a escolha de priorizar, na presente pesquisa, os dados relacionados ao PIB dos países para medir a riqueza econômica, os dados envolvendo os gastos militares dos países e os dados que informam sobre os países com maiores exércitos

para comparar as forças terrestres da região, já que são o principal instrumento militar para a conquista de territórios (Mearsheimer, 2001).

5.1 Distribuição de poder regional

Para Mearsheimer (2001), as capacidades econômicas e militares dos países definem seu poder, e os inimigos em potencial de uma grande potência são determinados em função da distribuição de poder relativo, sendo as intenções dos Estados irrelevantes para a teoria do Neorrealismo Ofensivo. Nesse sentido, ao elencar as principais ameaças ao Irã, os fatores a serem considerados serão os dados relacionados ao PIB dos países ⁴do Oriente Médio, à porcentagem do PIB destinada aos gastos militares, que estão expressas na tabela abaixo, e à quantidade de militares ativos por país, tal como está explicitado nos gráficos abaixo.

Gráfico 1: PIB dos países do Oriente Médio em bilhões de dólares no ano de 2021



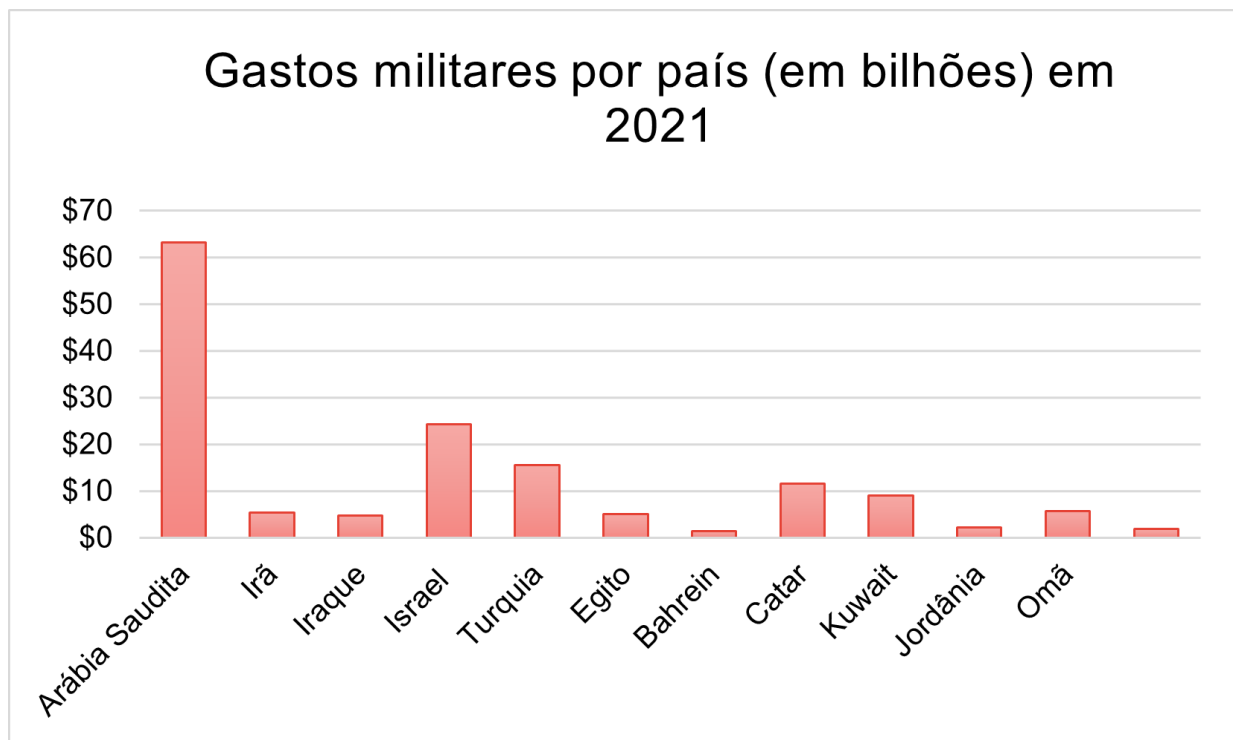
Fonte: Elaborado pela autora com base em Banco Mundial (2021).

Percebe-se que, durante o ano de 2021, os países com maiores PIBS da região foram, respectivamente, Arábia Saudita, Turquia, Israel e Egito. O Irã posiciona-se abaixo desses

⁴ Não foram encontrados nas fontes consultadas dados satisfatórios sobre a Síria, o Iêmen, os Emirados Árabes Unidos e o Líbano para incluir esses países na análise.

países, estando em posição bastante inferior principalmente em relação à Arábia Saudita, à Turquia e à Israel.

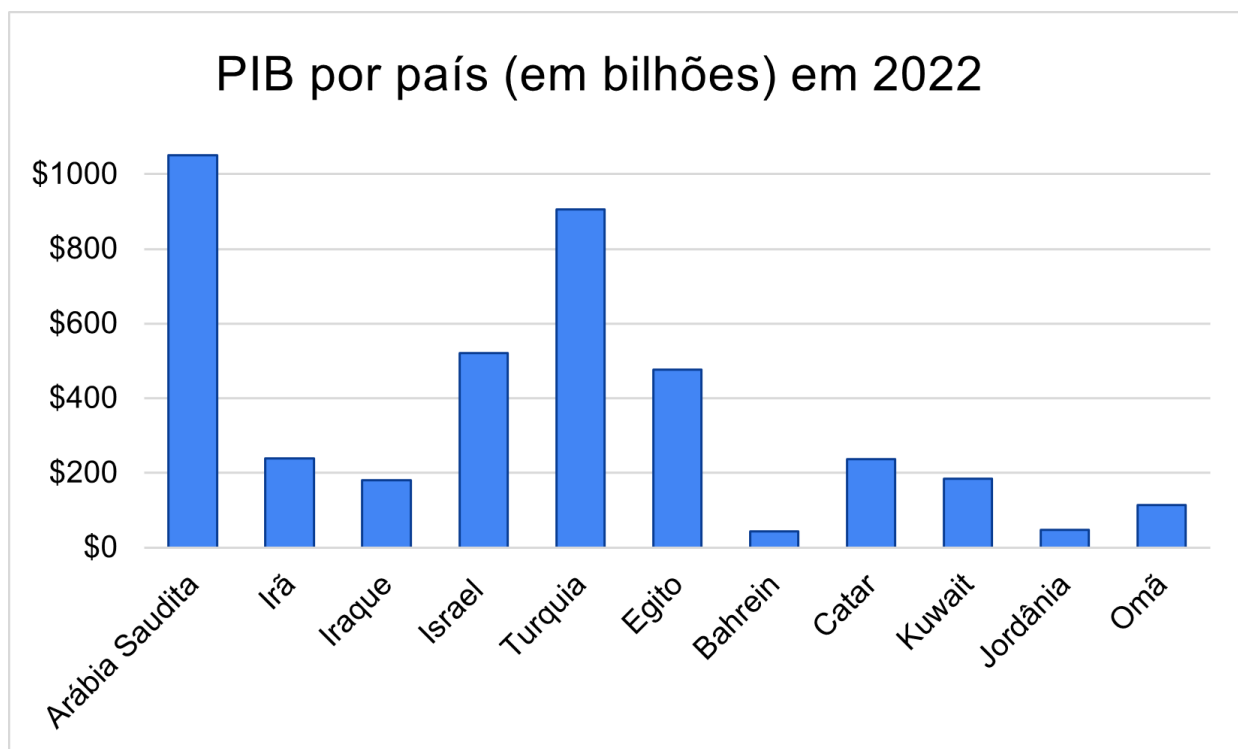
Gráfico 2: Quantidade do PIB dos países do Oriente Médio disponível para gastos militares durante o ano de 2021.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Banco Mundial (2021).

Mearsheimer (2001) denomina como “riqueza mobilizável” aquilo que pode ser transferido do PIB para gastos com defesa. Verifica-se, então, que os Estados que possuíram as maiores riquezas mobilizáveis da região foram Arábia Saudita e Israel, respectivamente, durante o ano de 2021.

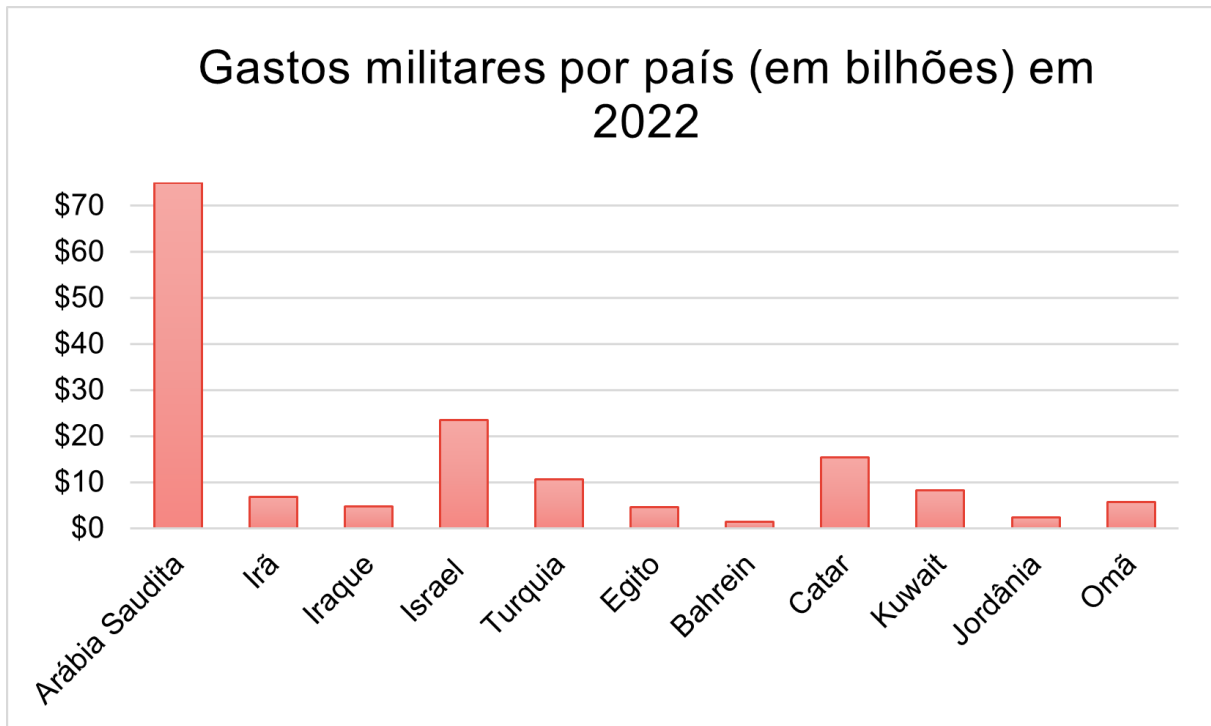
Gráfico 3: PIB dos países do Oriente Médio em bilhões de dólares no ano de 2022.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Banco Mundial (2022)

O gráfico 3 evidencia que, ao passo que o PIB iraniano caiu em relação ao ano de 2021, o PIB da Arábia Saudita, de Israel, da Turquia e do Egito aumentaram consideravelmente.

Gráfico 4: Quantidade do PIB dos países do Oriente Médio disponível para gastos militares durante o ano de 2022.

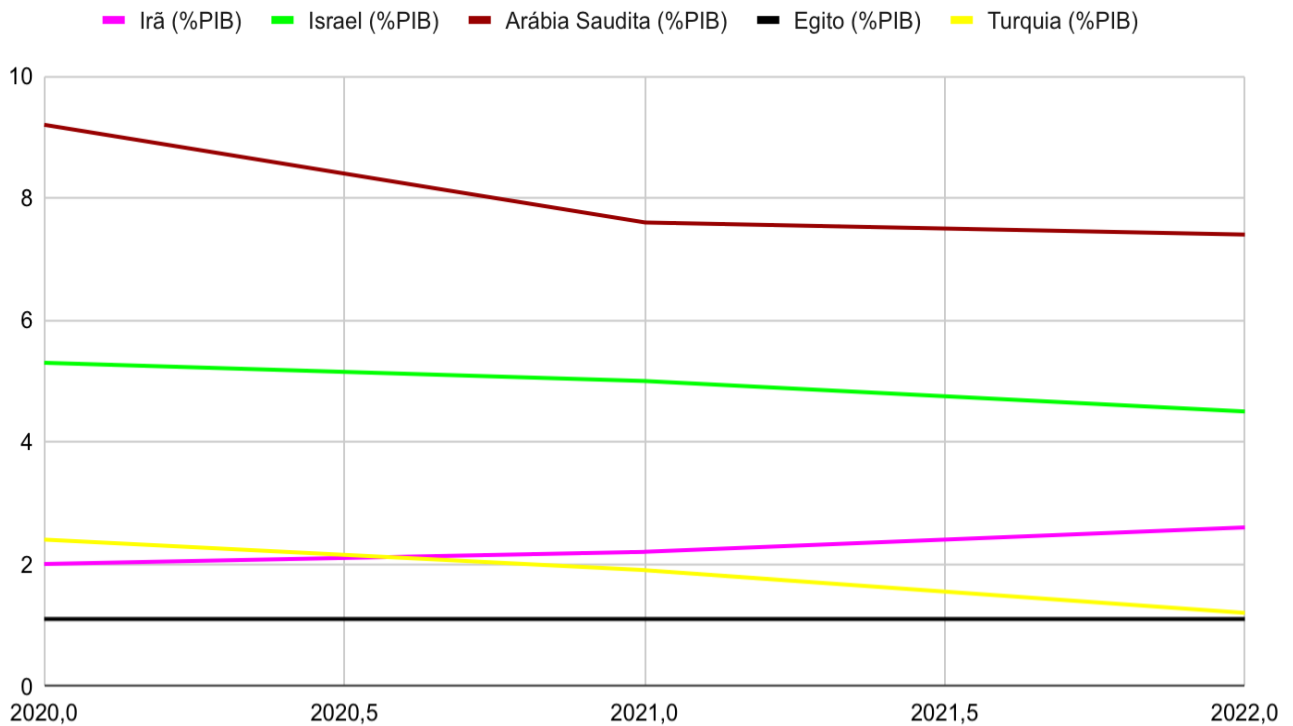


Fonte: Elaborado pela autora com base em Banco Mundial (2022)

Em comparação com o ano de 2021, percebe-se que a Arábia Saudita e o Irã aumentaram seus gastos militares, ou riqueza mobilizável, embora este último ainda disponha desse recurso em quantidade altamente inferior ao primeiro. A Turquia diminuiu consideravelmente seus gastos militares, embora tenha aumentado o seu PIB, o que demonstra pouca disponibilidade de recursos para gastos com defesa. Israel e Egito diminuíram suas despesas militares, ainda que de maneira pouco significativa. O gráfico 5 aponta a evolução, em porcentagem, da parcela do PIB destinada para gastos militares dos países que possuem os maiores PIBs da região e do Irã entre o ano de 2021 e 2022, recorte temporal do presente artigo.

Gráfico 5: Porcentagem do PIB destinada a gastos militares entre 2020 e 2022 dos países com os maiores PIBs da região.

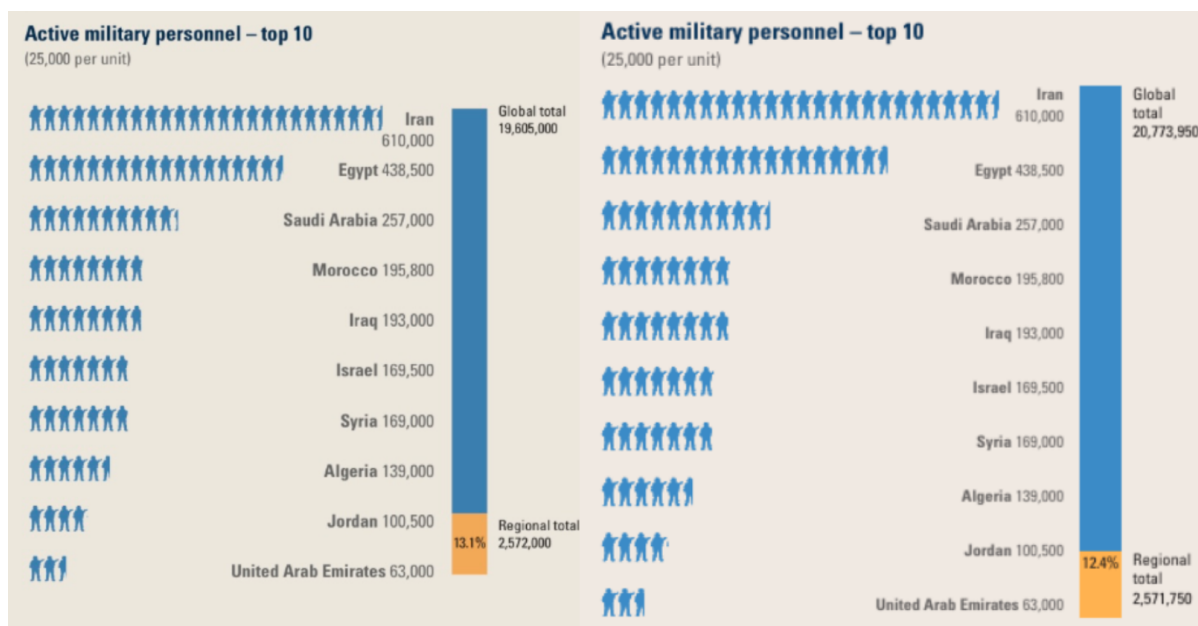
Gastos militares em porcentagem do PIB



Fonte: Elaborado pela autora com base em Banco Mundial (2022)

Percebe-se que a Turquia, além de destinar uma quantidade consideravelmente inferior do seu PIB em relação aos outros países mencionados, vem diminuindo seus gastos militares durante o período exposto no gráfico acima, o que evidencia pouca riqueza mobilizável disponível.

Gráfico 6: Quantidade de militares na ativa por país da região durante o ano de 2021 e 2022.



Fonte: The Military Balance 2022; The Military Balance, 2023

Esses elementos foram selecionados por serem elementos que Mearsheimer (2001) utiliza para mensurar a riqueza de um Estado e a sua capacidade ofensiva, além disso, a força de trabalho das forças armadas foram selecionadas porque os exércitos são o instrumento central do poder militar, e o poder terrestre continua sendo o mais importante para um Estado, mesmo em uma era nuclear, uma vez que, em um mundo de Estados territoriais, o objetivo político das grandes potências é conquistar e controlar territórios (Mearsheimer, 2001).

Mearsheimer (2001) afirma que o poder terrestre é mais importante em relação a outros domínios porque somente os exércitos podem derrotar rapidamente um oponente, porque os bloqueios que a marinha pode realizar canais estratégicos e os bombardeamentos que a força aérea pode efetuar não são capazes de produzir vitórias rápidas e decisivas. O potencial ofensivo do seu Estado, está incorporado então, e grande parte, no seu exército, pois este é o principal instrumento para iniciar a agressão e ocupar um território que se objetiva a conquista.

O autor defende que um bom indicador de poder terrestre deve levar em consideração diferenças quantitativas e qualitativas entre as unidades, entretanto, pela dificuldade em mensurar a qualidade dos soldados dos países e a qualidade do armamento, priorizou-se, na presente pesquisa, a avaliação quantitativa referente ao potencial ofensivo dos exércitos das unidades da região.

Os dados relacionados às capacidades materiais demonstram que os potenciais rivais do Irã, com base na teoria do Neorrealismo Ofensivo, seriam a Arábia Saudita, que possui o maior PIB da região e a maior quantia disponível para gastos em defesa, e o Estado de Israel,

que dispõe da segunda maior quantia disponível para gastos militares e de um dos maiores PIBs da região.

O Egito, apesar de dispor de uma quantia bastante inferior de gastos disponíveis para a defesa em relação à Arábia Saudita e a Israel, apresenta um número alto de militares na ativa, constituindo uma das maiores forças armadas da região, de acordo com os gráficos acima. Entretanto, quando comparadas as suas capacidades materiais com as da Arábia Saudita e de Israel, os últimos países se encontram em uma posição mais vantajosa em âmbito regional. Mearsheimer (2001) mensura o poder de um Estado com base na riqueza que possui, uma vez que o país, por mais que tenha à sua disposição um grande contingente de militares na ativa, precisa de recursos para munir os exércitos de capacidades tecnológicas.

A Turquia, por sua vez, apesar de constituir o segundo maior PIB da região, destina uma parcela bastante inferior aos outros países mencionados desse recurso para os gastos com defesa, e não possui capacidades ofensivas consideráveis, de acordo com os gráficos. Israel, entretanto, possuindo um PIB bastante inferior ao da Turquia, ainda destina uma quantidade de recursos maior para os gastos militares, o que evidencia que a Turquia possui pouco do seu vasto PIB disponível para a defesa.

O Egito, apesar de possuir o segundo maior poder terrestre da região, não dispõe de recursos como Israel e Arábia Saudita, que além de estarem entre os países com maiores números de militares na ativa, de acordo com os gráficos, possuem mais recursos para preparar essas forças tecnologicamente. Diante disso, as potenciais ameaças ao Irã, levando em consideração as capacidades materiais ofensivas das unidades da região, seriam o Estado de Israel e a Arábia Saudita.

Para analisar se a teoria do Neorrealismo Ofensivo de Mearsheimer (2001) explica o comportamento do país persa para o Oriente Médio, é necessário verificar se os dados relacionados às capacidades materiais evidenciam tentativas de maximização de poder em relação às suas potenciais ameaças na região, e se a sua localização geográfica favorece o alcance de hegemonia regional, uma vez que a distribuição de poder relativo e a geografia são os dois elementos explicativos com os quais opera o Neorrealismo Ofensivo (Toft, 2005; Mearsheimer, 2001).

5.2 A geopolítica do Irã para Mearsheimer

A relevância do elemento geográfico como fator determinante nas decisões dos Estados está presente na tradição realista desde o Realismo Clássico. Morgenthau (2003) argumenta que o mais estável dos fatores dos quais depende o poder de uma nação é a

geografia. O autor afirma que a localização geográfica é um elemento de poder nacional, uma vez que o Estado pode utilizar-se das vantagens que a sua geografia oferece para efetuar invasões, para a defesa do Estado, para a interação política com outros Estados, para o comércio externo. Embora Waltz (1979) não inclua a dimensão geográfica como fator determinante na análise do comportamento das unidades, o Realismo Estrutural de Mearsheimer também traz a geografia para o centro da análise estrutural.

Para Mearsheimer (2001), grandes potências que estão separadas por grandes massas de água possuem menos capacidade ofensiva umas contra as outras devido à dificuldade de projetar exércitos no meio marítimo, ao passo que grandes potências que possuem fronteiras terrestres com seus vizinhos estão mais vulneráveis, justamente por não haver proteção marítima em volta delas. O autor exemplifica que a água não representa um obstáculo para uma marinha que transporta forças terrestres no oceano as desembarca no território de um Estado amigo, mas que constitui uma barreira quando a marinha transporta forças terrestres para desembarcá-las em território rival, pois estão em desvantagens significativas uma vez que as forças terrestres locais lançarão os invasores marítimos de volta para o mar.

Assim, os ataques terrestres por meio de uma fronteira terrestre são mais fáceis e vantajosos. Os exércitos que têm de atravessar uma grande extensão de água para conquistar um território de um Estado rival e enfrentar o exército oponente dispõem de pouca capacidade ofensiva. Mearsheimer discute que as potências insulares somente podem ser atacadas pela água, o que torna mais seguras contra invasões territoriais, ao passo que as potências continentais podem ser atacadas pela terra e pela água, estando mais vulneráveis a invasões através do meio terrestre (Mearsheimer, 2001).

A situação geográfica do Irã, de acordo com o pensamento de Mearsheimer (2001), reflete uma condição de vulnerabilidade, visto que suas fronteiras são predominantemente terrestres, conforme indica o mapa 1:

Mapa 1: Situação geográfica do Irã



Fonte: Sat-7 UK, 2019

Essa situação o torna suscetível a sofrer ataques e invasões territoriais por parte de seus vizinhos regionais que possuam capacidades materiais ofensivas. Da mesma forma, essa posição torna mais favorável ao Irã que este realize uma invasão atacando e conquistando os territórios de um Estado rival localizado na mesma massa de terra em que ele se encontra, através da mobilização de exércitos atacantes numerosos. O Irã possui poucas massas de água em seu entorno geográfico, o que indica que não há proteção marítima capaz de paralisar exércitos atacantes de países rivais como a Arábia Saudita, que está em seu entorno regional, que possam efetuar uma invasão em território iraniano.

5.3 O comportamento do Irã sob a ótica do Neorrealismo Ofensivo

Exposto o entorno regional e geográfico do Irã, cabe analisar seu comportamento diante da estrutura na qual o país está inserido. Primeiramente, para analisar o Irã de acordo com o Neorrealismo Ofensivo é necessário verificar se o Irã é uma grande potência regional que busca maximizar poder relativo e alcançar a hegemonia na região, modificando a estrutura regional, isto é, a distribuição de poder entre as unidades, a seu favor. Nesse sentido,

uma grande potência é um país que tem capacidades materiais suficientes para ameaçar de forma credível seus vizinhos regionais (Mearsheimer 2001).

O Irã, entretanto, apesar de possuir o maior número de militares na ativa, ainda se encontra em uma posição abaixo do que seria um hegemon regional quando comparado com outros países da região, como Arábia Saudita e Israel, que possuem um PIB bastante superior e uma quantia de gastos disponíveis para a defesa maior, não podendo ser considerado uma grande potência regional.

Os dados analisados também demonstram que o Irã não possui capacidades ofensivas suficientes para se equiparar a seus rivais regionais, e que, apesar do alto número de militares na ativa, o que facilitaria possíveis conquistas territoriais segundo Mearsheimer (2001), não conseguiria maximizar poder relativo em relação a Israel e à Arábia Saudita, o que inviabiliza o alcance de hegemonia regional. O PIB iraniano é bastante inferior ao PIB da Arábia Saudita e de Israel, a quantidade de recursos do Irã disponíveis para investimentos em defesa, apesar de ter aumentado em mais de um bilhão de dólares entre o ano de 2021 e o ano de 2022, o que pode indicar possíveis tentativas de maximização de poder relativo, ainda se enquadra em uma posição bastante aquém em comparação ao seus potenciais rivais na região.

A posição territorial do Irã, que favorece a conquista e a expansão territorial devido às suas fronteiras terrestres, e o fato de possuir o maior número de militares na ativa da região contribuem com a tese do Irã como neorrealista ofensivo, uma vez que o país estaria em condições de realizar conquistas territoriais através da mobilização de exércitos atacantes. Entretanto, os dados relacionados à distribuição de poder no Oriente Médio não evidenciam que o Irã esteja buscando maximizar poder em relação aos seus rivais e não demonstram que há a viabilidade de alcance de hegemonia regional, ou de mudanças na balança de poder favoráveis ao Estado iraniano que sejam capazes de modificar a estrutura regional em seu favor. A potencialidade do Irã em relação às suas forças terrestres e localização geográfica, é, então, balanceada por outras características sistêmicas, isto é, a distribuição de poder relativo, que favorece a Arábia Saudita e o Estado de Israel.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho empenhou-se em realizar um estudo de caso aplicando a teoria do Neorrealismo Ofensivo ao comportamento do Irã para o Oriente Médio. Buscou-se examinar a posição do Irã na estrutura regional do Oriente Médio, sua localização geográfica e as implicações geopolíticas dela decorrentes, de acordo com Mearsheimer (2001). Elencou-se os

principais rivais do Irã na estrutura anárquica, de acordo com as capacidades materiais ofensivas e o comportamento do país persa diante dessas ameaças.

A pesquisa concluiu, então, que, durante o recorte temporal analisado, o Irã posiciona-se abaixo da Arábia Saudita, de Israel, da Turquia e do Egito no que tange ao seu Produto Interno Bruto, e que os países que possuem maior quantidade de recursos disponível para investimentos na área militar são a Arábia Saudita e Israel, respectivamente, além de estarem entre os países com maior poder terrestre da região. Dessa forma, os países que representam uma ameaça para o Irã, de acordo com o Realismo Estrutural Ofensivo, seriam estes últimos, pois possuem mais faces do poder do que o Irã, estando em uma posição mais vantajosa na estrutura regional.

O presente trabalho também analisou que a situação geográfica do Irã reflete uma condição de vulnerabilidade, uma vez que há poucas massas de água em seu entorno para paralisar exércitos invasores de seus rivais regionais, como a Arábia Saudita, sua vizinha que se encontra no Golfo Pérsico. Simultaneamente, essa condição possibilita que o Irã efetue uma invasão em um território na região que se localize na mesma massa de terra em que o país persa se encontra.

Apesar de o Irã possuir uma localização geográfica favorável à realização de uma invasão e dispor do maior número de militares na ativa da região, constituindo a maior força terrestre regional, a distribuição de poder relativo posiciona o Estado Iraniano em uma condição bastante inferior à Arábia Saudita e a Israel, o que inviabiliza o alcance da hegemonia regional. Além disso, os dados analisados não evidenciam a possibilidade de maximização de poder relativo por parte do Irã de forma que venha haver modificações na estrutura regional e na balança de poder a seu favor.

Diante do exposto, depreende-se que um Estado com potencial para tornar-se um hegemon regional seria a Arábia Saudita, de acordo com as capacidades materiais e as forças terrestres. Recentemente, durante o ano de 2023, houve relatos de fontes de notícias internacionais que informaram sobre a possibilidade de acordos de normalização de relações diplomáticas e de cooperação entre a Arábia Saudita e o Estado de Israel. Um possível caminho para pesquisas futuras seria a investigação dessa nova configuração de alianças e as modificações estruturais que ela representa para a balança de poder no Oriente Médio e para o Irã, de acordo com o Realismo Estrutural Ofensivo.

O presente artigo traz, então, a conclusão de que a teoria do Neorrealismo Ofensivo de Mearsheimer (2001) não é eficaz para explicar o comportamento do Estado do Irã para o Oriente Médio. Isso ocorre porque, além da limitação metodológica que o Neorrealismo

Ofensivo possui, uma vez que prioriza a estrutura e desconsidera elementos que não fazem parte do nível de análise sistêmico, de acordo com o exposto, o Irã não é uma grande potência regional e não está buscando ser um hegemom regional e nem maximizar poder relativo para dominar os Estados vizinhos, de modo que as premissas do Neorrealismo Ofensivo não se adequam ao caso do artigo, assim sendo, o Irã não se comporta como neorrealista ofensivo, de maneira que a hipótese inicial do presente trabalho não pode ser confirmada.

REFERÊNCIAS

- BANCO MUNDIAL. **Crescimento do PIB** 2021. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>>. Acesso em: set. de 2023.
- BANCO MUNDIAL. **Crescimento do PIB** 2022. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>>. Acesso em: set. de 2023.
- BANCO MUNDIAL. **Despesas Militares (% de PIB)** 2021. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>>. Acesso em: set. de 2023.
- BANCO MUNDIAL. **Despesas Militares (% de PIB)** 2022. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>>. Acesso em: set. de 2023.
- BANCO MUNDIAL. **Despesas Militares**, 2021. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>>. Acesso em: set. de 2023.
- BANCO MUNDIAL. **Despesas Militares**, 2022. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG>>. Acesso em: set. de 2023.
- CARR, E.H. **Vinte anos de crise, 1919-1939**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Editora Universal de Brasília. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2001.
- ESCUDE, C. **Realism in the Periphery**. Routledge Handbook of Latin America in the World. Nova Iorque, 2015.
- FARHI, F. **Iranian Power Projection Strategy and Goals**. Center for Strategic and International Studies, 2017.
- FENG, L.; RUIZHUANG, Z. The typologies of realism. **The Chinese Journal of International Politics**, v. 1, n. 1, p. 109-134, 2006.
- HAFNER-BURTON, Emilie M. et al. The behavioral revolution and international relations. **International Organization**, v. 71, n. S1, p. S1-S31, 2017.
- IRAN Map. **Sat-7 UK**, 2019. Disponível em: <<https://www.sat7uk.org/wp-content/uploads/2019/03/Iran-map.png>>. Acesso em: nov. de 2023.

JACKSON, R.; SORENSEN, G. **Introdução às Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

KAPLAN, M. A. The new great debate: Traditionalism vs. science in international relations. **World Politics**, v. 19, n. 1, p. 1-20, 1966.

KATZMAN, K. Iran's Foreign and Defense Policies. **Congressional Research Service**, p. 1-66, 2021.

LITTLE, R. **The balance of power in international relations: metaphors, myths, and models**. New York: Cambridge University. Press, 2007.

MEARSHEIMER, J. J. **The tragedy of great power politics**. WW Norton & Company, 2001.

MORGENTHAU, H. J. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Editora Universidade de Brasília, 2003.

MILITARY BALANCE. **The annual assessment of global Military capabilities and defense economics**. International Institute for Strategic Studies. London, 2022.

MILITARY BALANCE. **The annual assessment of global Military capabilities and defense economics**. International Institute for Strategic Studies. London, 2023.

RATO, V.; LIMA, B. P. A Encruzilhada Iraniana: Armas Nucleares e Consequências Geoestratégicas. **Nação e Defesa**, p. 179-196, 2007.

STUCH, P.; ELIAS, J. **International Relations: The Basics**. Londres: Routledge, 2007.

TALIAFERRO, J. W. Security seeking under anarchy: Defensive realism revisited. **International security**, v. 25, n. 3, p. 128-161, 2000.

TOFT, P. John J. Mearsheimer: an offensive realist between geopolitics and power. **Journal of International Relations and Development**, v. 8, p. 381-408, 2005.

TREVIÑO, R. Is Iran an offensives realist or a defensive realist? A theoretical reflection on Iranian motives for creating instability. **Journal of Strategic Security**, v. 6, n. 3, p. 382-392, 2013.

WALT, S. M. Alliance Formation and the Balance of World Power. **International Security**, p. 3-43, 1985.

WALTZ, K. **Theory of International Politics**. Berkeley: University of California, Addison-Wesley Publishing Company, Inc., 1979.

WALTZ, K. N. Anarchic orders and balances of power. In: *The Realism Reader*. **Routledge**, p. 113-123, 2014.

WEFFORT, F. **Os Clássicos da Política**. São Paulo: Ática, 2011.

YIN, R. K. **Estudo de Caso:** Planejamento e métodos. Bookman editora, 2015.